

SÃO LEOPOLDO, RS, 9 DE DEZEMBRO DE 1997

*Meu caro amigo e Governador do Rio Grande do Sul, grande Governador Antônio Britto; Senhor Ministro dos Transportes, Eliseu Padilha; Senhores Ministros de Estado que me acompanham; Senhores Deputados; Senhor Prefeito Ronaldo Ribas, de São Leopoldo; Senhor Presidente da Trensurb, Adão Faraco; Autoridades estaduais, municipais; Senhoras e Senhores,*

Eu já tive oportunidade, hoje, de expressar a minha satisfação, lá em São Borja, na inauguração da ponte São Borja–San Tomé. Satisfação por ver um novo Rio Grande. E, se me permite o Magnífico Reitor dessa Universidade de Unisinos, eu me recordaria, nos anos 50, de que andei por aqui, fazendo pesquisas. Andei nas escolas. Isso aqui era muito diferente do que é hoje. Palmilhei muitas áreas nessa região porque eu fazia pesquisa sobre as populações mais pobres, que eram, naquela época, os negros do Rio Grande do Sul.

Conheço bem a região e sei o quanto o Rio Grande mudou. Ninguém muda um país ou um estado sozinho, nem a mudança nunca é a obra de um só governo. Há uma convergência, são vários governos. Não convém imaginar que se comece da estaca zero.

E ninguém faz nada sozinho, nem o governador nem o presidente – o Governador já destacou – são os deputados, são os vereadores, é a Assembléia, mas é, sobretudo, o povo. Este povo gaúcho mudou. Ele, hoje, acredita no Rio Grande, porque ele acredita no Brasil, porque cada um de nós acredita em nós próprios.

Este é o novo Brasil. Não é o Brasil do pessimismo, não é o Brasil da demagogia, da retórica, do desespero. Não. É um Brasil tranqüilo, é um Brasil que sabe que só se fará o bem do povo, o bem do País, se houver continuidade do trabalho e seriedade, se não houver roubalheira, se houver transparência nas decisões, se houver capacidade de somar forças, de fazer convergir posições, muitas vezes politicamente diversas, mas que, num dado momento, têm que se encontrar, porque as necessidades do País e do povo falam mais alto. Então nós abrimos mão, muitas vezes, daquilo que é de interesse específico de uma cidade, de uma região, de um segmento, de um partido ou de uma pessoa, para olharmos, projetarmos o conjunto do Brasil, no futuro.

Só que esse futuro já começou. Entre os exemplos desse futuro, além dos que o Governador Britto citou, eu citaria mais um, repetindo o que disse hoje em São Borja: neste ano nós conseguimos atender a, pelo menos, 50 mil agricultores pobres, que receberam cento e oitenta e poucos milhões de reais, para plantar na sua terra.

Este governo assentou mais gente nas terras do que nos últimos 30 anos. E, quando eu terminar o mandato, no ano que vem, terei acrescentado à história do assentamento rural, no Brasil, 30% a mais do que tudo o que foi feito no Brasil em 30 anos.

E, agora, nós estamos dando recursos para as pessoas plantarem. Nós estamos, também, fazendo uma fusão com o Ministério da Educação, o Ministério da Reforma Agrária e o Ministério da Saúde, para dar a assistência necessária.

Dentro de poucos dias, o Brasil saberá a reforma que está sendo feita no Ministério da Saúde, pela qual estamos mudando os critérios de alocação de recursos, e na qual também, ao invés de canalizar os recursos infindáveis para a doença, para os hospitais, nós estamos levando os recursos para a saúde, para a prevenção, pelos agentes comunitários de

saúde, para o médico de família, para a atenção à mulher, para combater a mortalidade infantil.

E, quando forem olhar os dados sobre a queda da mortalidade infantil no Brasil, vão ver que nas regiões onde ela era mais alta, em média, está caindo entre 30% e 40%. E isso não se faz senão com melhor comida, com melhor emprego, com melhor condição de vida, com assistência à mulher, com assistência à criança.

Eu acompanhei, pessoalmente, no Nordeste, a ação dos agentes comunitários de saúde. Quando eu cheguei ao Governo, eles eram 28 mil. Hoje são 53 mil. E no ano que vem nós vamos chegar a 100 mil agentes comunitários de saúde. Porque disso é o que o povo precisa: de atenção, atenção efetiva, sem demagogia, sem fazer muitas mobilizações falsas, sem levantar manchete no jornal, pedindo mais dinheiro, e não se sabe o que fazer com esse dinheiro.

O dinheiro do povo é muito importante. Aqui, nós alocamos mais de 100 milhões de reais. Mas os resultados estão aqui, concretos. Está se vendo para que foram feitos. E, se pudéssemos ter gastos a menos, seria melhor ainda.

O brasileiro está muito equivocado quando julga um governo perguntando quanto ele gastou, se gastou mais. Não. Perguntem se gastou melhor, se teve capacidade de discernir quem, realmente, precisa e quem não. A obra necessária e a obra vã. E que é preciso fazer mais barato a obra necessária.

Esse é o novo Brasil. É um Brasil, realmente, de mãos limpas. É um Brasil de gente que não tem o que esconder. Que fala com o povo com tranquilidade, qualquer que seja a manifestação popular, com tranquilidade, porque muitos, naturalmente, em qualquer situação, opinam diversamente. Alguns não têm nem a paciência de ouvir, quanto mais serão capazes, algum dia, de fazer alguma coisa! Mas não importa, porque o Brasil conta com milhões de brasileiros que ouvem e são capazes de sustentar o que se faz. É por isso que o Brasil avança, progride. E, aqui, nesta obra, Prefeito, aqui, nesta obra da Trensurb, nós estamos, como disse o Governador Britto, vendo algo que é a melhoria da condição de vida da população e da população mais pobre, que não é a

população que vem de automóvel para cá ou para lá, com muita mobilidade, é a população que perde horas nos trens, nos ônibus, que não tem acesso fácil e que, quando se lhe facilita esse acesso, que é o que nós estamos fazendo agora, aqui, melhora, efetivamente, a sua qualidade de vida, melhora o rendimento da pessoa na família e no trabalho.

Eu queria dizer aos gaúchos, ao agradecer-lhes, ao agradecer a colaboração que tenho tido do Governador Britto, que é um governador, repito, excepcional, a colaboração dos ministros atuais e passados, ministros meus que são gaúchos –alguns ficaram meio paulistas, mas são gaúchos, como Paulo Renato –, agradecer a colaboração que tenho da bancada do Rio Grande do Sul e, desta vez, eu cito o Deputado Ponte, porque me esqueci dele há pouco, e é um incansável batalhador, junto com os nossos deputados. Vou citar a Yeda também, porque é deputada mulher e nós precisamos ter mais mulheres na Câmara, para lutar pelos interesses nossos, dos homens e das mulheres, naturalmente.

Ao dizer isso, ao agradecer o empenho com que, realmente, se está construindo esse novo Brasil, também queria dizer aos gaúchos que é verdade que tenho uma preocupação muito especial pelo Rio Grande, que data de longo tempo, como já mencionei aqui, do tempo da minha quase adolescência, quando eu por aqui andava, trabalhando e estudando.

Mas não é só no Rio Grande que nós estamos fazendo algo pelos trens urbanos, que nós estamos fazendo algo pelos metrô, retomando obras que estavam paradas, fazendo com que o Brasil, outra vez, tenha condição de dar à sua população mais pobre um transporte melhor. Estamos fazendo isso no Rio, estamos fazendo em São Paulo, em Belo Horizonte, em Brasília, em Recife, no Ceará, em Fortaleza, e por aí vai. Aquele Brasil da inércia, aquele Brasil que se perdia em vãs discussões políticas, em querelas, em *impeachment* ou no que fosse, ou em grandes teorias inúteis, formadas por gente que perdera o pé da História, esse Brasil é passado. O novo Brasil é um Brasil de confiança, de honestidade, de seriedade e de realizações.

É por isso que nós temos o novo Brasil, que tenho a alegria de dizer, aqui, ao povo do Rio Grande, que, se é verdade que a partir do mês de outubro tivemos que enfrentar dificuldades – e nós as enfrentamos –, e

eu não hesitei um minuto, um minuto, em tomar medidas que podiam ser “impopulares”, eu confiava no povo. O povo sabe o que é bom para ele. E o povo sabe que o dever do governante, num dado momento, é defender o interesse geral. E o interesse geral era a moeda, era evitar que a especulação derrubasse a nossa moeda, e nós lutamos e conseguimos.

Estive na Inglaterra há uma semana, e a *City* inglesa inteira, em aplausos, dizia que o Governo do Brasil é um governo que foi capaz de defender-se sem recorrer à necessidade de buscar recursos externos. Hoje, estamos voltando à normalidade, e os investimentos voltam. E voltarão os investimentos com mais energia ainda, porque o mundo inteiro está percebendo que essa região do Mercosul, que não é só o Brasil – a Argentina, o Uruguai, o Paraguai, o Chile e a Bolívia –, é uma região de paz, é uma região de democracia, é uma região de decência, é uma região que é capaz de imaginar o futuro e trabalhar por ele.

Portanto, nós, hoje, estamos contentes porque temos aqui o trem chegando em São Leopoldo, ele vai a Novo Hamburgo, ele vai mais adiante, pelo Vale dos Sinos, ele vai encontrar, lá embaixo, aquilo que é necessário para que o operário da indústria de calçados, em Porto Bom e Itapiranga, vá lá, e lá onde for possível.

Não prometo o que eu não sei, mas posso lhes assegurar que as energias nossas vão ser nessa direção e tenho certeza de que este marco, desta magnífica obra, é o marco de uma continuidade.

Aqui nós não estamos inaugurando um fim de linha: nós estamos começando uma continuidade dessa linha. E o Ministro Padilha estará aí para defender o Rio Grande.

Quero finalizar dizendo que, com um Governador como Antônio Britto, que fez neste estado o que tinha que ser feito, enfrentou o que era necessário, para repor as finanças do estado em boas condições, que foi capaz de atrair o interesse do Brasil e do mundo, mesmo, para este estado, com um Governador como Antônio Britto, o Presidente da República pode ficar confiante naquilo que sempre foi o seu ideal: é de nós estarmos, juntos, trabalhando pelo Rio Grande, porque quem trabalha pelo Rio Grande trabalha pelo Brasil.

Muito obrigado.

